

CONCORDÂNCIA VERBAL COM COLETIVOS: RESTRICÇÕES MORFOSSINTÁTICAS E SEMÂNTICO-DISCURSIVAS¹

VERBAL AGREEMENT WITH COLLECTIVE NOUNS: MORPHOSYNTACTIC AND SEMANTIC-DISCURSIVE CONSTRAINTS

João Paulo Ferreira Maia (SME/SEDUC)²
Márluce Coan (UFC)³

RESUMO

Tratamos, neste artigo, da concordância verbal com nomes coletivos no português falado em Fortaleza-Ceará, à luz de pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas. Nossos dados provêm de dois *corpora*: Português Oral Culto de Fortaleza (Porcufort) e Norma Popular de Fortaleza (Norpofofor), os quais são analisados separadamente e, depois, triangulados, com o propósito de verificar tendências de uso na comunidade de fala. Embora tenhamos controlado fatores linguísticos e extralinguísticos, foram os linguísticos que mostraram relevância estatística: *número do sintagma nominal encaixado no sujeito e tipo de verbo* para o Porcufort e *tipo de verbo* para o Norpofofor. Do Porcufort foram analisados 234 dados nos quais a concordância com verbo no singular é motivada por *ausência de sintagma nominal encaixado no sujeito* e por verbo de *ação-processo*. Igualmente é o verbo de *ação-processo* que condiciona concordância singular com sujeito coletivo no Norpofofor, *corpus* no qual foram localizadas 120 ocorrências. Em análise triangulada, os grupos *saliência fônica do verbo, número do sintagma nominal encaixado no sujeito e material interveniente entre sujeito e verbo* mostraram significância, sendo o uso de verbo no singular decorrente, em geral, de forma verbal *menos saliente, ausência de sintagma encaixado e ausência de material interveniente* (ou, em alguns casos, *presença de 2 sintagmas intervenientes*). Dos resultados, depreende-se que, na fala fortalezense, é a forma singular a preferida, decorrente de restrições morfosintáticas e semântico-discursivas.

PALAVRAS-CHAVE: concordância verbal; variação; nomes coletivos; restrições morfosintáticas e semântico-discursivas.

ABSTRACT

In this article, we deal with verbal agreement with collective nouns in the portuguese spoken in Fortaleza-Ceará, by assumptions of the Sociolinguistic Variation and Change. Our data come from two corpora: *Portuguese oral Culto de Fortaleza* (Porcufort) and *Norma Popular de Fortaleza* (Norpofofor), which are analyzed separately and then triangulated, with the purpose of verifying usage trends in the speech community. Although we controlled linguistic and extralinguistic factors, it was linguistics that showed statistical relevance: number of the noun phrase embedded in the subject and type of verb for Porcufort and type of verb for Norpofofor. From Porcufort, 234 data were analyzed in which the agreement with a singular verb is motivated by the absence of a nominal phrase embedded in the subject and by an action-process verb. It is also the action-process verb that conditions the use of a singular verb with a collective noun in Norpofofor, a corpus in which

¹ Este artigo decorre de resultados obtidos em pesquisa realizada por João Paulo Ferreira Maia, sob orientação de Márluce Coan, em 2011.

² Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e professor da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME) e da Secretaria da Educação Básica do Estado do Ceará (SEDUC). E-mail: ferreiramaiajoaopaulo@gmail.com

³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. E-mail: coanmalu@ufc.br

120 occurrences were found. In the triangulated analysis, phonic salience of the verb, number of the nominal phrase embedded in the subject and intervening material between subject and verb showed significance, with the use of a singular verb arising, in general, from a less prominent verbal form, absence of an embedded phrase and absence of intervening material (or, in some cases, presence of two intervening phrases). From the results, we can infer that the singular form is preferred, motivated by morphosyntactic and semantic-discursive constraints.

KEYWORDS: verbal agreement; variation; collective nouns; morphosyntactic and semantic-discursive constraints.

INTRODUÇÃO

A concordância verbal, no Português Brasileiro, tem sido tema de diversas pesquisas variacionistas, dentre as quais, destacamos Monguilhott e Coelho (2002), Pereira e Rodrigues (2004), Mattos (2003), Mattos e Nascimento (2005), Scherre e Naro (2006 e 2007). Dessas, Mattos (2003) e Mattos e Nascimento (2005) trataram da concordância verbal com nome coletivo formalmente singular, objeto de nossa análise, porém abordamos o fenômeno em dados de língua falada na cidade de Fortaleza-Ceará, por meio de dois *corpora*. Nossa análise visa a demonstrar que a concordância é um fenômeno variável motivado por fatores de natureza diversa. Aqui, destacamos fatores morfossintáticos e discursivos, embora tenhamos controlado, também, fatores extralinguísticos que estão na base da estratificação dos *corpora* analisados: Português Oral Culto de Fortaleza (Porcufort) e Norma Popular de Fortaleza (Norpopfor).

Pautamo-nos em pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, pois conduzimos a análise tendo como pressuposto fundamental a não estabilidade da língua, que varia a depender de condicionamentos linguísticos (internos ao sistema) e extralinguísticos (externos ao sistema). Compreender esse processo de variação implica compreender a complexidade que o envolve. Analisamos, portanto, fatores morfossintáticos (*saliência fônica do verbo, posição do coletivo em relação ao verbo e número do sintagma nominal encaixado no sujeito*), semântico-discursivos (*material interveniente entre sujeito e verbo, tipo de verbo e traço humano⁴ do coletivo⁵*), além dos fatores sociais *faixa etária e gênero/sexo* e do grupo estilístico *tipo de inquérito*.

Embora nossas gramáticas prescrevam o uso de verbo no singular para sujeito coletivo, a pluralização do verbo, nesse caso, é fato remoto da história da língua. Pereira (1924), por exemplo, observa que não são raros os casos em que um sujeito coletivo singular leva o verbo ao plural, uma vez que o coletivo é um plural lógico, e isso ocorre, sobretudo, quando a ação predicativa se mostra como praticada por cada um dos indivíduos isoladamente, e não pela coletividade como um todo. Ademais, conforme o autor, os povos mais antigos impressionavam-se mais com a realidade das coisas do que com a subjetividade representativa das palavras.

⁴ Nossa pesquisa restringiu-se aos casos de coletivos singulares não designativos de instituições públicas ou privadas. Interessamo-nos por sujeitos do tipo “multidão”, “povo”, “pessoal”, “grupo”, “turma”, “todo mundo”, “torcida”, “galera”, “equipe”, “casal”, “família”, “time”, “gente”, “muita gente”, “enxame”, “bando”, “legião”, “constelação”, “acervo”, “banca”, expressões partitivas que indicam coletividade, seguidas ou não de adjunto adnominal singular ou plural, como “a maioria de”, “grande parte de”, “uma porção de”, e outros da mesma categoria, com a característica geral [+humano] e [-humano]. No entanto, após a coleta nos dois *corpora*, não encontramos dados referentes à categoria [-humano].

⁵ Por razões teóricas e metodológicas, foram excluídos desta análise os seguintes casos: a) Sujeito representado pela expressão coletiva “a gente” equivalente ao pronome pessoal de 1º pessoa do plural “nós”, como em: “A gente foi à praia” *versus* “Nós fomos à praia”. b) Nome coletivo que não desempenha o papel sintático de núcleo do sujeito, ou seja, excluímos os casos de núcleo de sintagma nominal encaixado, conforme: “O treinador da turma se comportou mal”. c) Casos em que nome coletivo e verbo estejam em orações diferentes, haja vista que o sujeito da segunda oração pode ser compreendido como sujeito nulo: “A população saiu às ruas para clamarem alterações nas políticas econômicas e sociais.”

Em geral, tanto em gramáticas quanto em livros didáticos recentes utilizados na Educação Básica (dentre outros, Cunha (1986), Bechara (2001), Terra (2002), Amaral *et alii* (2003), Ferreira (2003), Cereja e Magalhães (2005), Maia (2005) e Terra e Nicola (2008)), os autores prescrevem verbo no singular para concordância com nome coletivo, pois o verbo faz, semanticamente, referência a uma coleção ou conjunto de seres ou coisas da mesma espécie. Entretanto, ao mencionarem figuras de linguagem, especificamente a “silepse”, admitem que há um mecanismo que consiste em fazer a concordância não com a forma gramatical das palavras, mas com o sentido (plural) que elas veiculam, além de considerarem a maior distância entre sujeito e verbo como fator que leva o verbo ao plural.

Ao observarmos usos reais e depararmos-nos com pesquisas sobre o tema, verificamos que a concordância, apesar da prescrição, é variável. Nossas observações empíricas iniciais são comprovadas pelas pesquisas de Mattos (2003), que, em análise de dados orais, mostram que o uso do verbo no plural para sujeito coletivo não se trata de hipercorreção, mas de variação motivada, mais por fatores linguísticos do que por sociais. Mattos e Nascimento (2005) consideram a modalidade escrita por meio de análise de 34 exemplares de revistas de circulação nacional voltadas para o público juvenil, confirmando as conclusões de Mattos (2003), especialmente sobre a relevância das variáveis *saliência fônica* e *tipo de sujeito* para o fenômeno em questão.

Essas primeiras observações demonstram que a pesquisa que ora propomos alarga a análise do fenômeno variável da concordância em três dimensões: primeiro, por tratar de tema menos abordado dentre o conjunto de pesquisas sobre concordância em Português, já que há pouquíssimas pesquisas sobre concordância com coletivos, especialmente se observarmos o número de estudos referentes à região Nordeste; em segundo lugar, consideramos dois domínios de análise linguística, o morfossintático e o semântico-discursivo para mapear influências à variação; por último, além de fatores sociais, também chegamos ao âmbito estilístico por investigar o tipo de inquérito, de mais a menos formal: elocução formal, entrevista e diálogo.

Para respaldar nossa análise, na próxima seção, apresentamos os pressupostos teóricos que serviram de base à pesquisa, os quais, ao final do artigo, correlacionamos aos resultados obtidos em análise de 354 dados. Segue-se à seção teórica uma destinada aos procedimentos metodológicos, na qual apresentamos os *corpora*, as etapas da pesquisa, o instrumental estatístico e os fatores de controle. Depois, em três seções de análise, apresentamos, por *corpus* e em triangulação, os grupos de fatores estatisticamente relevantes, bem como aqueles que não obtiveram significância estatística, mas que revelam tendências de uso de um ou de outro padrão de concordância.

1 Pressupostos teóricos

Com base em pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, que considera a inseparabilidade entre fala e contexto social, visto que os falantes são condicionados linguisticamente e socialmente pelas relações sócio-históricas das quais fazem parte, analisamos o fenômeno variável da concordância com nome coletivo em uma comunidade de fala real, visando à sistematização do fenômeno. Embora as línguas estejam em constante processo de variação e mudança, assim como ocorre com toda e qualquer forma de manifestação social, essas variações são passivas de observação e sistematização, ademais, além de haver restrições internas para a variação e para a mudança, tais processos relacionam-se a diferentes fatores intrínsecos ao indivíduo ou sociais, como idade, sexo, origem geográfica, escolaridade, profissão e grau de formalidade da situação de uso da língua.

A Sociolinguística surge como reação à ideia de que a estrutura das línguas é homogênea e invariável, postulada por Saussure, que concebeu a dicotomia língua, componente homogêneo e sistemático da linguagem, *versus* fala, sua parte heterogênea e assistemática, elegendo a primeira, em detrimento da segunda, como objeto da Linguística. A Teoria da Variação e Mudança também reage ao pensamento de que os fatos linguísticos devem ser analisados, essencialmente, por fatores

internos ao sistema, desconsiderando fatores discursivos e socioculturais, conforme prática do estruturalismo saussuriano; nega, ainda, a visão tradicional de sincronia como única realidade linguística passível de estudo e reage à concepção defendida pelos gerativistas de análise dos fatos da língua em situações idealizadas, bem como à eleição de dados para a análise conhecidos e controlados pelo próprio linguista.

São objetivos da Teoria da Variação e Mudança: a demonstração do vínculo entre variação e mudança linguísticas; a identificação de fatores linguísticos e sociais atuantes na variação e mudança; a observação de estágios intermediários da mudança de uma estrutura para outra; o encaixamento da regra variável nas estruturas linguística e social; a avaliação do nível de consciência social em relação a cada forma variante, para a averiguação das formas prestigiadas e estigmatizadas, e, por fim, a sistematização de estímulos e restrições linguísticas e sociais para implementação da variação e mudança linguísticas (conforme Weinreich, Labov e Herzog, 2006). Neste artigo, demonstramos que a concordância com nomes coletivos é um fenômeno variável em uma comunidade de fala e priorizamos a identificação de fatores que condicionam a escolha de um ou de outro mecanismo de codificação.

Creemos que a análise da comunidade de fala é fundamental para a compreensão dos processos variáveis, pois é nela que ocorrem as interações linguísticas e sociais entre membros que apresentam atitudes subjetivas e comportamentais semelhantes frente à língua, além de dominarem as mesmas regras essenciais da gramática (Labov, 2008). No âmbito da comunidade, um mesmo fenômeno linguístico, ou seja, uma variável (conjunto das várias organizações linguísticas que expressam o mesmo significado referencial/representacional, com o mesmo valor de verdade, também chamado de regra variável), é representada por diferentes formas, ou seja, variantes linguísticas (Labov, 1978).

De acordo com Paredes da Silva (2008), as pesquisas variacionistas, de início, dedicavam-se ao estudo de acontecimentos morfofonológicos, principalmente, os de caráter fonológico, posto que a premissa fundamental da teoria de que “duas ou mais formas alternantes ocorram em um mesmo contexto, com mesmo significado” (Paredes da Silva, 2008, p.67), poderia ser mantida com maior confiabilidade, pois, no nível fonológico, os elementos são destituídos de significados, além de esses eventos apresentarem grande número de dados para análise. Após o êxito dessas pesquisas, os mesmos métodos e técnicas empregados no nível fonológico foram também aplicados para casos de variação em outros níveis linguísticos, principalmente no morfossintático. Não obstante, surgiram dois problemas pertinentes nesses estudos: havia menos casos de variação no nível sintático do que no fonológico, tanto em número de fenômenos, quanto de ocorrências, e era dificultoso de se controlarem as diferenças de estilo.

Igualmente, problematizava-se a respeito da manutenção do significado, do que decorreu a célebre polêmica entre Labov (1978) e Lavandera (1978), a qual assume um julgamento crítico com relação à viabilidade de ocorrer ou não variação para além do nível fonológico. Conforme a autora, haveria um significado associado a cada forma linguística, ao se ir para a análise além do nível fonológico, o que representaria um impedimento à realização da premissa de que duas ou mais formas se alternassem com o mesmo significado. Essa crítica pautava-se, em especial, na pesquisa de Weiner e Labov (1977), acerca de construções ativas e passivas como variantes. Em “O homem construiu a parede.” *versus*. “A parede foi construída pelo homem”, o que deve ser considerado é a manutenção do valor de verdade, do significado referencial, já que ambas as frases são constituídas de um mesmo processo (construir) relacionado aos mesmos argumentos, um agente (o homem) e um efetuado (a parede), logo o fenômeno pode receber um tratamento variacionista. Dessa forma, enquanto os autores partem de um significado mais restrito (referencial, mesmo estado de coisas e mesmo valor de verdade), Lavandera (1978) apresenta um significado mais amplo, genérico (referencial, social e estilístico), fundamentado na ideia de comparabilidade funcional. Assim, para a pesquisadora, frases como: “Está frio aqui.”, “Como você consegue ficar sem casaco?”,

“Por favor, feche a janela.”⁶, a depender do contexto, poderiam expressar a mesma intenção comunicativa, sendo variantes de uma mesma variável. Em contrapartida, para a concepção laboviana, essas frases não seriam variantes de uma mesma variável, pois a exigência do mesmo significado representacional não estaria sendo cumprida.

Ainda a respeito das regras variáveis, Sankoff (1988) concebe que, sempre que a escolha entre duas ou mais alternativas discretas puder ser percebida como tendo sido feita durante o desempenho linguístico e for influenciada por fatores, tais como traços do ambiente fonológico, contexto sintático, função discursiva do enunciado, tópico, estilo, situação interacional ou características sociodemográficas ou pessoais do falante ou de outros participantes, estamos diante de uma situação apropriada para recorrer à noção e métodos conhecidos pelos estudiosos de variação linguística como regras variáveis.

De acordo com Mollica (2008), cada variante de uma regra variável sujeita-se a pressões de fatores internos e externos ao sistema. Os fatores internos (linguísticos) estão relacionados aos níveis do significante e do significado, dentre os quais se destacam os fatores fonológicos, morfossintáticos, semânticos, discursivos e lexicais. Nos fatores externos, consideram-se os intrínsecos ao indivíduo (por exemplo, sexo, idade e etnia), os sociogeográficos (como região de origem, classe social, escolaridade, profissão e renda) e os contextuais e estilísticos (referentes ao grau de formalidade e à tensão discursiva). Dessa maneira, a teoria exclui qualquer possibilidade de variantes livres, ou seja, o emprego aleatório das formas linguísticas está completamente fora de questão, já que a escolha de uma ou de outra forma não faculta ao falante, mas resulta das pressões desses fatores, logo é tarefa do pesquisador indicar as tendências de uso de cada variante.

Desse modo, a fim de sistematizar a variação, é necessário que o pesquisador promova a completa descrição da variável, partindo do conjunto de suas formas variantes, convencionalmente chamado de “envelope da variação”, realize a análise dos condicionantes linguísticos e sociais, observe como ocorre o encaixamento da variável nos sistemas linguístico e social e faça a projeção histórica da variável, a partir do levantamento de dados do vernáculo em situações naturais de comunicação, por exemplo, por meio de entrevistas face a face, de diálogos de grupo de pares, de entrevistas rápidas e anônimas em situações ordinárias e de cenas de televisão nas quais, principalmente, os informantes estejam tomados por elevado grau de comoção (Labov, 2008).

Por fim, esse método de análise é também chamado de Sociolinguística Quantitativa, porque opera estatisticamente com os dados coletados e aplica a estes um tratamento característico da teoria da probabilidade, com o intuito de destacar regularidades que comandam a variação linguística na comunidade. Entretanto, a metodologia sozinha não é suficiente para indicar, com precisão, a tendência do fenômeno em questão, porque lida com projeções e aproximações numéricas, embora auxilie na explicação do peso de cada fator sobre a regra variável (peso relativo⁷), ao apontar contextos linguísticos e extralinguísticos favorecedores ou desfavorecedores de cada uma das variantes em análise, pois a Teoria pressupõe inerente covariação entre funcionamento da língua e comportamento social. Em virtude dessas limitações metodológicas, é de extrema relevância a interferência do pesquisador, que descreve o fato linguístico, seleciona minuciosamente os dados para análise e elabora hipóteses explicativas sobre os índices estatísticos levantados. Devemos estar cientes, no entanto, de que o pesquisador não faz uma previsão absoluta sobre o emprego de cada variante, mas pode apontar tendências de uso de cada uma e revelar uma visão geral do fenômeno.

2 Procedimentos metodológicos

⁶ Exemplos de Paredes da Silva (2008, p.69).

⁷ Quando o peso relativo é superior a 0.5, o fator favorece a realização de determinada variante; quando é inferior a 0.5, desfavorece a realização da variante; valores muito próximos a 0.5 são neutros à realização da variante em questão.

Durante a pesquisa, foram analisadas amostras de dois bancos de dados do português falado na cidade de Fortaleza: a) Português Oral Culto de Fortaleza (Porcufort), organizado entre os anos de 1991 e 1992, é um banco de dados estruturado por amostras de informantes de variadas faixas etárias, nascidos e residentes na capital cearense, com curso superior completo, segmentados em 62 inquéritos, dos tipos Diálogo entre informante e documentador (DID), Diálogo entre dois informantes (D2) e Elocução Formal (EF), e b) Norma Popular de Fortaleza (Norpofofor), banco de dados organizado segundo a mesma metodologia do Porcufort, é composto por informantes nascidos em Fortaleza ou radicados na capital do Ceará desde os cinco anos de idade, filhos de cearenses que nunca saíram da cidade de Fortaleza por um período maior de dois anos, distribuídos por sexo, idade (15 a 25, 26 a 49 e + de 50 anos) e escolaridade (0-4, 5-8, 9-11 anos de estudo). Diferentemente do Porcufort, os informantes do Norpofofor não possuem nível superior, sendo muitos deles, inclusive, semialfabetizados, por isso são representativos da norma popular falada na cidade. Em virtude dos diferentes níveis de escolaridade constitutivos de cada banco, supomos haver mais dados de verbo no plural (norma não padrão) com sujeito coletivo no Norpofofor do que no Porcufort.

Analisamos dados de 24 informantes do Porcufort, considerando-se os três tipos de inquérito, duas faixas etárias (até 40 anos e acima de 40 anos) e sexo. O cálculo foi assim configurado: 3 tipos de inquérito x 2 faixas etárias x 2 sexos x 2 informantes por célula, totalizando 24 quatro informantes. Com essa distribuição, garantimos ortogonalidade e o mínimo de dois informantes por célula. Já para o Norpofofor, a situação é distinta, pois, à época do levantamento de dados, nem todos os inquéritos haviam sido coletados ou estavam transcritos, mesmo assim, com a finalidade de verificar o fenômeno da concordância com coletivo também na norma popular, resolvemos analisar o que nos foi permitido. Uma vez que não havia número suficiente de inquéritos de Elocução Formal (EF) transcritos, resolvemos deixá-los de fora de nossas análises, considerando-se somente os dados de DID e D2, os quais distribuímos por faixa etária e sexo, mantendo as mesmas variáveis sociais do Porcufort. Ocorre, porém, que não havia ainda inquérito de homens com menos de 40 anos para D2, bem como somente um inquérito para homem acima de 40 anos também em D2. Para não descartarmos mais um tipo de inquérito, optamos por considerá-los dessa forma, com base na premissa de que o Goldvarb tolera muito bem desvios de distribuição (Guy; Zilles, 2007).

Procedemos à análise de dados em três etapas: inicialmente, consideramos apenas dados do Porcufort; em seguida, analisamos apenas os do Norpofofor e, por fim, foram verificados, conjuntamente, os dados dos dois *corpora*, quando excluímos os dados de elocução formal (EF), inquérito não incluído na amostra do Norpofofor, conforme explicitamos acima. A testagem dos dados dos dois *corpora* em conjunto serve à triangulação, procedimento que, conforme Denzin e Lincoln (2005), confere amplitude e profundidade à análise, por verificar repetição de alguma observação, validando a influência de determinado fator.

Os dados coletados foram submetidos à análise estatística por meio do programa Goldvarb (Sankoff; Tragliamonte, 2005), ferramenta que permite testar, consoante Votre (2008), o efeito de fatores linguísticos e extralinguísticos em processos de variação e mudança. O programa fornece pesos relativos que variam em uma escala de 0 a 1: se forem maiores que 0.5, são favoráveis à realização da regra; caso sejam inferiores a 0.5, são inibidores da regra e, sendo iguais ou muito próximos a 0.5, são considerados neutros. Conforme observa Naro (2008), o próprio termo revela que os pesos são relativos, ou seja, não estamos diante de reflexos de valores absolutos das variáveis intervenientes.

Os grupos de fatores selecionados para a análise são de ordem linguística, distribuídos em morfossintáticos (*saliência fônica do verbo, posição do coletivo em relação ao verbo e número do sintagma nominal encaixado no sujeito*) e semântico-discursivos (*material interveniente entre sujeito e verbo, tipo de verbo e traço humano do coletivo*), e de ordem não linguística, distribuídos em fatores sociais (*faixa etária e gênero/sexo*) e estilísticos (*tipo de inquérito*).

3 Concordância com coletivos: os dados do Porcufort em análise variacionista

Coletamos 234 dados de concordância entre verbo e sujeito coletivo no Porcufort, os quais analisamos de acordo com as variáveis independentes citadas acima na metodologia. Contudo, duas dessas variáveis foram excluídas: *posição do coletivo em relação ao verbo*, pois não houve dados de coletivo na posição *pós-verbal*, e *traço [+ ou - humano] do coletivo*, porque houve apenas dados de coletivos com *traço [+humano]*. Como há binariedade dos fatores nas variáveis, não foi possível realizar amalgamação, restando-nos somente sua retirada para prosseguimento da análise estatística. Ademais, procedemos à amalgamação das variantes *ação*, *processo* e *ação-processo* na variável *tipo de verbo*, ficando como fatores os que compõem o binômio *verbos de ação-processo* e *verbos de estado*.

Em geral, os informantes do Porcufort optam por verbo no singular para sujeito coletivo: 226 dos 234 dados foram de verbo no singular (96,6%) e 8 de verbo no plural (3,4%). Esse uso frequente de verbo no singular é motivado pelo *número do sintagma nominal encaixado no sujeito* e pelo *tipo de verbo*, cujas ordens de grandeza mostramos na tabela 1.

TABELA 1: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular – variáveis estatisticamente significativas no PORCUFORT

Variáveis	Fatores	Frequência	Peso relativo
Número do sintagma nominal encaixado	Singular	7/10=70%	0.044
	Plural	5/6=83.3%	0.089
	Sem sintagma	214/218=98.2%	0.551
	Total	226/234=96.6%	-----
Tipo de verbo	Ação-processo	152/154=98.7%	0.663
	Estado	74/80=92.5%	0.214
	Total	226/234=96.6%	-----

Fonte: Organizada pelos autores.

A primeira variável selecionada pelo Goldvarb foi *número do sintagma nominal encaixado*, grupo de fatores abordado por Rodrigues (2005) em estudo sobre processamento da concordância verbal à luz do Programa Minimalista (Chomsky, 1999, *apud* Rodrigues, 2005), a qual chegou à conclusão de que existe maior possibilidade de o verbo flexionar-se no plural quando vier acompanhado de um sintagma nominal plural, uma vez que, psicolinguisticamente, haveria consonância entre a marca plural do sintagma e a do verbo, mantendo-se, assim, o paralelismo. Dessa forma, hipotetizamos que o *sintagma nominal plural* favorecesse o verbo no plural, enquanto os demais fatores, *sintagma nominal singular* e *sem sintagma encaixado*, favoreceriam a variante singular. Nosso trabalho confirma, parcialmente, a hipótese levantada, visto que o fator *sem sintagma encaixado* (exemplificado em 01 abaixo) foi o único que favoreceu a concordância padrão (verbo no singular): 214 dos 218 dados (98,2%) e 0.551 de peso relativo. Os outros dois fatores, *sintagma nominal encaixado singular* (0.044 de peso relativo) e *sintagma nominal encaixado plural* (0.089 de peso relativo) (ilustrados em 02, 03, 04 e 05 abaixo), podem ser considerados como desfavorecedores da concordância padrão.

(01) O **peçoal vai** se renovando muito. (Porcufort, DID 27, p.12, l.10).

(02) **O peçoal DO BANCO** do Brasil também **pode** frequentar o BNB. (Porcufort, DID 27, p.12, l.23).

(03) O **grupo DE ALUNOS era** muito bom. (Porcufort, DID 27, p.30, l.13).

(04) O que nós sentimos é que realmente o **peçoal DE SALVADOR são** enrolão... né?...cê conhece Salvador?...” (Porcufort, DID 6, p.4, linha 23)

(05) Fazendo com que **grande parte** DAS CRIANÇAS **sejam** vacinadas pra determinadas doenças, mas mesmo assim...” (Porcufort, DID 1, p.14, linha 13)

A segunda variável selecionada foi *tipo de verbo*, composta, inicialmente, por quatro variantes: *ação*, *processo*, *ação-processo* e *estado*. Conforme Borba (1996), verbos que indicam “ação” são aqueles que apresentam uma atividade realizada por um sujeito agente e possuem, no mínimo, um argumento, como em “O menino treina” e “O pássaro voa”, além disso, também podem se realizar com especificadores, por exemplo, “O trabalhador suava sangue”. Verbos indicadores de “processo” são aqueles que designam um ou mais eventos que afetam um sujeito paciente, como em “A chuva cessou”, em que há somente um argumento para o verbo; ou um sujeito experimentador, conforme “Marta escuta uma canção”, em que há dois argumentos para o verbo; ou um sujeito beneficiário, por exemplo, “Thaís recebeu um livro do namorado”, em que há três argumentos verbais. Verbos de “ação-processo” são aqueles que expressam uma ação realizada por um sujeito agente ou por um sujeito causativo, afetando o complemento, como em “Flávio arremessou a bola” e “Olavo Bilac escreveu um poema”, os quais têm ao menos dois argumentos: um agente/causativo e outro afetado/efetuado. Por fim, os verbos de “estado” são os que expressam uma propriedade de estado ou de condição ou de situação localizada no sujeito, que é suporte de um estado, como em “Marcela permaneceu em êxtase”; ou experimentador de um estado, com em “Carlos ama Beth”; ou ainda suporte de uma condição, por exemplo, “Romeu tem três irmãos”. Os fatores *ação* e *ação-processo* somente apresentaram dados de coletivo seguidos de forma verbal no singular, por essa razão fez-se necessária a amalgamação de *ação*, *processo* e *ação-processo*, ficando, assim, apenas dois fatores para análise: *ação-processo* e *estado*, conforme exemplificados, respectivamente, em 06 e 07 abaixo:

(06) O **povo COMEÇOU** a consumir. (Porcufort, D2 28, p.27, l.11).

(07) O **povo** já **TÁ** escaldado. (Porcufort, DID 5, p.16, l.4).

Seguimos a classificação proposta por Borba (1996) por ser pautada em critérios semânticos, interessando-nos, particularmente, uma motivação à variação advinda de noções aspectuais como dinamicidade/estaticidade. Dessa guisa, levantamos como hipótese que verbos que expressam maior dinamicidade (*ação-processo*) favoreceriam a forma singular (norma padrão), uma vez que exigem maior atenção cognitiva por parte dos interlocutores, enquanto verbos de menor dinamicidade (*estado*) favoreceriam o verbo no plural (norma não padrão). Os resultados confirmaram nossas hipóteses, com peso relativo de 0.663 para os verbos de *ação-processo* em contraposição aos de *estado* (0.214 de peso relativo).

Das variáveis linguísticas, *saliência fônica do verbo* e *material interveniente entre sujeito e verbo* não foram estatisticamente selecionadas. Quanto à *saliência fônica verbal*, ocorreram, no singular, 155 das 158 formas *menos salientes* (98.1%) e 71 das 76 *mais salientes* (93.4%). A variável em questão mostrou-se bastante produtiva em outros trabalhos da área, quando foi selecionada estatisticamente, por exemplo, em pesquisa de Scherre e Naro (2006), que trataram da concordância verbal de 3º pessoa do plural em dados de fala da cidade do Rio de Janeiro, e em Mattos (2003), que analisou a influência da variável na concordância com coletivos. Nossa premissa era a de que as formas mais salientes, que apresentam maior diferenciação entre o singular e o plural (como exemplificado em 08 abaixo), levariam ao menor uso do verbo no singular visto que são mais marcadas e exigem dos falantes maior diferenciação entre as duas formas (singular e plural), em comparação com as formas menos salientes, que possuem menor diferenciação entre singular e plural (conforme ilustrado em 09 abaixo), o que foi confirmado, ainda que com pequenas diferenças percentuais (93.4% *versus* 98.1% de uso do singular).

(08) **O povo FEZ** por onde. (Porcufort, EF 17, p.5, l.9).

(09) **Muita gente** que não **TRABALHA**. (Porcufort, DID 27, p.12, l.30).

A respeito da variável *material interveniente entre sujeito e verbo*, ocorreram, no singular, 206 dos 212 dados de *até 1 sintagma* (97.2%), 19 dos 20 casos de *2 sintagmas* (95%) e 1 de 2 casos (50%) de *mais de 2 sintagmas* (exemplificados, respectivamente, em 10, 11 e 12 abaixo). Mattos (2003) considerou, em estudo da concordância verbal com coletivos, a variável “distância linear”, a qual não foi selecionada estatisticamente, embora os resultados tenham revelado que as menores distâncias favorecem a marca verbal de singular e as maiores distâncias, o plural. Assim, lançamos nossas hipóteses pautadas nos resultados alcançados por Mattos (2003), entretanto nossas suposições foram apenas parcialmente confirmadas, porque os percentuais dos dois primeiros fatores (*até 1 sintagma* e *2 sintagmas*) foram muito semelhantes, exceção foi ao terceiro fator (*mais de 2 sintagmas*), cujos índices foram de 50% para cada uma das formas.

(10) Tinha **gente** QUE **levava** o livro. (Porcufort, DID 23, p.16, l.4)

(11) **Pessoal** da ANCAR AINDA **apareceu**. (Porcufort, DID 41, p.12, l.3)

(12) O **pessoal** do BANCO DO BRASIL TAMBÉM **pode** frequentar o BNB. (Porcufort, DID 27, p.12, l.23).

As variáveis sociais também não foram selecionadas, tendo em vista que as duas faixas sob análise usam, majoritariamente, a forma verbal no singular: 129 dos 133 casos da faixa etária I (até 40 anos) – 97% dos casos e 97 dos 101 casos da faixa etária II (mais de 40 anos) – 96% dos casos. Esperávamos que os informantes da faixa etária I usassem menos a forma verbal no singular (forma conservadora) em comparação com os da faixa etária II. Atribuímos a proximidade dos valores à escolaridade dos falantes do *corpus* (todos possuem nível superior, conforme visto na metodologia). Os índices mostraram outrossim que não houve diferenças significativas nas falas de homens e de mulheres: ocorre o singular em 134 dos 138 dados de fala de informantes masculinos (97.1%) e em 92 dos 96 dados de informantes femininos (95.8%). Esses resultados não condizem com o revelado em outras pesquisas sobre concordância, nas quais *gênero* tem sido uma variável selecionada estatisticamente, por exemplo, em Scherre e Naro (2006 e 2007). Com base nesses trabalhos, nossa hipótese era a de que as mulheres, por tenderem a conservar formas padronizadas e a resistir ao uso das formas inovadoras, sobretudo quando essas formas recebem avaliação social negativa, fizessem maior uso do singular (forma padrão) do que os homens, o que não aconteceu em nossas análises.

Por fim, o grupo estilístico *tipo de inquerito* também não foi selecionado durante nossa pesquisa. Acreditávamos, inicialmente, que ele influenciasse a marcação do verbo no singular ou plural, prevalecendo a concordância padrão nas *Elocuções Formais*. Embora a variável não tenha sido selecionada estatisticamente, os resultados demonstram que, nos dados de *EF*, que apresentam maior tensão discursiva e grau acentuado de monitoramento de fala, houve, ainda que ligeiramente, maior índice de concordância padrão (76 de 77 dados, ou seja, 98.7%) do que nos dados de *DID/D2* (150 de 157 dados, ou seja, 95.5%), fatores amalgamados devido ao fato de não haver forma verbal plural em *D2*, confirmando nossas hipóteses.

4 Concordância com coletivos: os dados do Norpofor em análise variacionista

Coletamos 120 dados de concordância entre verbo e coletivo no banco de dados Norpofor, distribuídos entre dois tipos de inqueritos: DID e D2, já que, à época da coleta, como informamos

na metodologia, não havia inquéritos disponíveis de EF. A análise pautou-se nas mesmas variáveis verificadas por ocasião da investigação do Porcufort. Contudo, dois grupos foram excluídos: *saliência fônica verbal*, pois não houve dados de coletivo seguido de verbo plural para o fator *menos saliente*, e *traço [+ou -humano] do coletivo* (grupo também excluído na análise do Porcufort), pois havia apenas casos de *coletivo [+humano]*. Além da exclusão dos dois grupos, procedemos, também, à amalgamação de alguns fatores, nos casos de variáveis enérgicas. Para o grupo *material interveniente entre sujeito e verbo*, foram amalgamadas as variantes *2 sintagmas* e *mais de 2 sintagmas*, pois havia apenas dados de *2 sintagmas*. Quanto ao grupo *tipo de verbo*, houve amalgamação entre os verbos de *ação*, *processo* e *ação-processo*, assim como no Porcufort, resultando no binômio *ação-processo* e *estado*.

Dos 120 dados coletados no Norpofor, 113 foram de verbo no singular (94,2%) e 7 no plural (5,8%). Em termos percentuais, ainda que com pequena margem, evidencia-se que houve maior pluralização no Norpofor do que no Porcufort (índices de 96,6% de casos no singular e 3,4% de casos no plural). Essa diferença pode ser atribuída ao fato de o Norpofor ser constituído por dados de fala de informantes que não possuem nível superior de ensino, alguns, inclusive, semiescolarizados, diferentemente do Porcufort, em que todos os informantes possuem nível superior. Especificamente sobre a incidência de motivações ao fenômeno, apenas um grupo linguístico obteve relevância estatística: *tipo de verbo*, indicando que verbos de *ação-processo* favorecem o uso do singular (0.719 de peso relativo), conforme podemos conferir na tabela 2.

TABELA 2: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo – variáveis estatisticamente significativas no NORPOFOR

Variável	Fatores	Frequência	Peso relativo
Tipo de verbo	Ação-processo	65/66=98.5%	0.719
	Estado	48/54=88.9%	0.240
	Total	113/120=94.2%	-----

Fonte: Organizada pelos autores.

A seleção desta variável confirma sua importância para o fenômeno da concordância verbal com coletivos, já que foi o segundo grupo selecionado durante as análises do Porcufort, obedecendo à mesma hierarquia: *ação-processo* (0.663 de peso relativo) *versus estado* (0.214 de peso relativo). Os resultados confirmam a hipótese de que verbos que indicam maior dinamicidade (*ação-processo*) favorecem a concordância na norma padrão (singular), porque exigem mais atenção dos falantes, por serem mais salientes perceptualmente.

Em relação às variáveis descartadas estatisticamente, tecemos algumas considerações na sequência, como fizemos para o Porcufort, porque a prática de não mencionar dados desconsiderados pelo programa estatístico poderia não ser benéfica à ciência, por indicar que a variável não foi testada. Ademais, as variáveis sem significância servem para refutar hipóteses (Guy; Zilles, 2007). Os resultados da variável *número do sintagma nominal encaixado* revelam que há a mesma tendência observada no Porcufort. Ainda que haja predomínio da forma singular também no Norpofor, 107 dos 112 casos *sem sintagma encaixado* (95,5%), 5 dos 6 casos de *sintagma nominal encaixado singular* (83,3%) e 1 dos 2 casos de *sintagma nominal encaixado plural* (50%), os menores índices de realização da concordância padrão ocorrem diante da presença de *sintagma nominal encaixado* (83,3% com *sintagma singular* e 50% com *sintagma plural*), indicando que, por vezes, o informante atribui o controle da concordância, de forma compartilhada, ao sujeito e ao núcleo do sintagma nominal encaixado. Em se tratando da *posição do coletivo em relação ao verbo*, os resultados revelam que há 99 dados de concordância padrão dos 105 casos de posição *pré-verbal* (94,3%) e 14 dos 15 dados em posição *pós-verbal* (93,3%), índices bastante aproximados, contrariando a hipótese de que a posição *pós-verbal* do sujeito desencadearia menos controle da concordância padrão. Quanto ao *material interveniente entre sujeito e verbo*, há 64 ocorrências de concordância padrão dentre as 68 *sem material interveniente* (94,1%), 39 dados de 41 com *1 sintagma interveniente* (95,1%) e 10 de 11 casos com *2 ou mais sintagmas* (90,9%), números que indicam que o fator *2 ou mais sintagmas* é o que

menos favorece a marca de concordância singular. Embora haja pequena diferença nos percentuais, isso confirma, em parte, os resultados obtidos no Porcufort, quando a variante *2 ou mais sintagmas* também desfavorecia, mais que as outras, a forma singular do verbo (com 50% dos casos).

As variáveis sociais, bem como a estilística, também foram descartadas como restrições ao fenômeno da concordância com coletivo. Dos 66 dados de informantes do sexo masculino, 61 utilizaram verbo no singular (92.4%), enquanto 52 de 54 mulheres utilizaram tal concordância (96.3%). Diferentemente da análise dos dados do Porcufort, no Norpofor, são as mulheres que mais fazem uso da forma padrão (singular) quando o sujeito é um nome coletivo. Optam pela concordância padrão igualmente os informantes das duas faixas etárias da amostra: há 50 de 53 dados referentes à faixa I (94.3%) e 63 dos 67 casos da segunda faixa etária (94%), resultado atrelado muito mais a um processo de herança cultural e linguística do que ao fator idade. Para a variável *tipo de inquerito*, em *DID*, 93 de 99 dados foram de verbo no singular (93.9%); em *D2*, 20 de 21 também ocorrem no singular (95.2%), invalidando nossa hipótese de que menor formalidade (em *D2*) levaria a menor uso da concordância padrão.

5 Triangulação dos dados

Visando à triangulação, na perspectiva de Denzin e Lincoln (2005), foram analisados em conjunto 354 dados (234 do Porcufort e 120 do Norpofor), tendo como variáveis independentes as mesmas consideradas nas rodadas estatísticas em separado. Porém, foi excluído da análise o grupo linguístico *traço [+ ou - humano] do coletivo*, pois encontramos apenas casos com traço semântico *[+humano]*. Deixamos à parte desta análise conjunta, também, os dados de EF, para o grupo *tipo de inquerito*, porquanto havia dados de EF apenas no Porcufort. Procedemos, ainda, à amalgamação de fatores no grupo *tipo de verbo*, entre os verbos de *ação* e *ação-processo*, resultando nas variantes *ação-processo*, *processo* e *estado*. Feitos os ajustes metodológicos, foram consideradas relevantes, estatisticamente, três variáveis: *saliência fônica do verbo*, *número do sintagma nominal encaixado no sujeito* e *material interveniente entre sujeito e verbo*, cujas ordens de grandeza podem ser vistas na tabela 3. Nesta seção em particular, embora tenhamos testado todas as variáveis consideradas nas análises em separado dos dois *corpora*, tecemos considerações somente a respeito das variáveis selecionadas estatisticamente, tendo em vista que já discorreremos sobre todas as demais variáveis nas seções de análise anteriores a esta.

TABELA 3: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular – variáveis estatisticamente relevantes na análise conjunta dos dois corpora: PORCUFORT e NORPOFOR

Variáveis	Fatores	Frequência	Peso relativo
Saliência fônica do verbo	Menos saliente	236/239=98.7%	0.729
	Mais saliente	103/115=89.6%	0.113
	Total	339/354=95.8%	-----
Número do sintagma nominal encaixado	Singular	12/16=75%	0.142
	Plural	6/8=75%	0.031
	Sem sintagma	321/330=97.3%	0.543
	Total	339/354=95.8%	-----
Material interveniente entre sujeito e verbo	Sem material	195/199=98%	0.619
	1 sintagma	114/122=93.4%	0.318
	2 sintagmas	25/26=96.2%	0.697
	Mais de 2 sintagmas	5/7=71.4%	0.026
	Total	339/354=95.8%	-----

Fonte: Organizada pelos autores.

A variável *saliência fônica verbal*, na amostra conjunta dos *corpora*, mostrou-se bastante relevante, sendo a primeira selecionada pelo programa estatístico, embora não tenha sido selecionada durante a análise isolada de nenhum dos dois *corpora*. Em termos estatísticos, de 354 verbos, 239 eram de baixa saliência, e destes, 236 estavam no singular (98,7%), com peso relativo

de 0.729. Dos 115 de alta saliência, 103 apresentaram-se no singular (89.6%), com 0.113 de peso relativo, o que caracteriza desfavorecimento à norma padrão. Observa-se, portanto, que as formas verbais *menos salientes* favorecem a concordância padrão – singular, enquanto as formas *mais salientes* desfavorecem-na. Nossa hipótese assentava-se no fato de que formas menos salientes favoreceriam o singular, ao passo que as mais salientes favoreceriam o plural, em alusão ao princípio da marcação (GIVÓN, 1995): verbo regular > verbo no singular (forma menos marcada por ser menor e mais frequente); verbo irregular > verbo no plural (forma mais marcada por ser mais complexa e menos frequente).

A segunda variável selecionada pelo Goldvarb foi *número do sintagma nominal encaixado* (primeiro grupo de fatores selecionado na análise isolada do Porcufort). Os resultados revelaram que o fator *sem sintagma nominal encaixado* é o único que favorece a marca de singular: 321 dos 330 casos de sujeito *sem sintagma nominal encaixado* foram de verbo no singular (97.3%) com 0.543 de peso relativo. Os resultados confirmam os índices obtidos durante as análises isoladas dos *corpora*, quando o fator *sem sintagma encaixado* favorece o verbo no singular, confirmando nossa hipótese acerca desse fator. No entanto, o resultado referente ao fator *sintagma nominal singular* não ratifica nossa hipótese, pois pensamos que, também, condicionaria o verbo no singular, mas o peso relativo indica o oposto. Isso talvez se justifique pelo fato de o falante atribuir o controle da concordância, compartilhadamente, ao núcleo do sujeito e ao sintagma nominal encaixado.

A terceira variável selecionada foi *material interveniente entre sujeito e verbo*, cujos fatores *sem material interveniente* e *2 sintagmas* são os favorecedores do singular: 195 dos 199 casos *sem material interveniente* (98% e peso relativo de 0.619) e 25 dos 26 casos de *2 sintagmas entre sujeito e verbo* (96.2% e peso relativo de 0.697). Contrariamente ao suposto, os resultados revelaram que a variante *2 sintagmas* favoreceu o uso do singular, o que pode ser explicado pelo fato de, nesses casos de *2 sintagmas*, haver, em geral, palavras monossílabas (conforme exemplo 13), do que resulta pequena distância entre o sujeito e o verbo, até mesmo em comparação ao fator *1 sintagma* (conforme exemplo 14), em que há, frequentemente, sintagma preposicionado.

(13) “Um **peçoal** QUE JÁ **passou** mesmo.” (Norporfor, DID 65, p.21, l. 8);

(14) Fazendo com que **grande parte** DAS CRIANÇAS **sejam** vacinadas pra determinadas doenças.” (Porcufort, DID 1, p.14, l. 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de mostrar que a concordância com nome coletivo também é um fenômeno variável motivado por fatores de natureza diversa, como o são outros fenômenos sobre concordância, analisamos dados de dois *corpora* orais com base em fatores morfossintáticos, discursivos, sociais e estilísticos. Desses, foram os fatores morfossintáticos (*saliência fônica do verbo e número do sintagma nominal encaixado no sujeito*) e discursivos (*tipo de verbo e material interveniente entre sujeito e verbo*) os que evidenciaram significância estatística.

Para o Porcufort, em geral, nomes coletivos concordam com verbo no singular, em que pesam os fatores *ausência de sintagma encaixado* e *verbo de ação-processo*. Igualmente no Norporfor, é o verbo no singular a forma mais utilizada, condicionada por *verbo de ação-processo*. Ao procedermos análise conjunta, observamos que *ausência de sintagma encaixado* se mantém como fator que condiciona o uso do verbo no singular em concordância com coletivo. Adicionam-se a esse fator *verbo de menor saliência fônica*, *ausência de material interveniente* e, havendo material interveniente, os casos *com 2 sintagmas*. Em relação ao material interveniente, os polos opostos (máxima aproximação – mínima aproximação entre sujeito e verbo) são os que condicionam o uso do verbo no singular.

A sistematização ora proposta, embora tenha revelado tendência à concordância padrão pelos fortalezenses, também comprovou que, mesmo em casos em que uma variante predomina

sobre a outra, a variação não é livre, mas resulta das pressões linguísticas, as quais verificamos qualitativa e quantitativamente. A análise empreendida envolveu tanto etapas separadas quanto etapa conjunta, confirmando esta última a tendência motivadora de ausência *versus* presença de sintagma encaixado no coletivo para a concordância, respectivamente, com verbo no singular *versus* verbo no plural. Outrossim, há inovações advindas da análise de um conjunto maior de dados: uma morfossintática (influência da *saliência fônica do verbo*) e outra semântico-discursiva (influência de *material interveniente*).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, E.; FERREIRA, M.; LEITE, R.; SEVERINO, A. **Novas Palavras**: português. Vol. Único. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Revista e ampliada: Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.
- BORBA, F. S. **Uma Gramática de Valências para o Português**. São Paulo: Ática, 1996.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português**: linguagens: vol. 3: ensino médio. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005.
- CARDOSO, C. **Variação da concordância verbal do indivíduo: um confronto entre o linguístico e o estilístico**. 2005. 126 f. Brasília: UNB, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Dissertação Mestrado em Linguística, 2005.
- COAN, M. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente**. 2003. 238 f. Florianópolis: UFSC, Curso de Pós-graduação em Linguística. Tese Doutorado em Linguística, 2003.
- CUNHA, C. F. **Gramática da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The handbook of qualitative research**. Londres: Sage, 2005.
- FERREIRA, M. **Aprender e Praticar Gramática**. São Paulo: FTD, 2003.
- GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- GOMES, C.; SOUZA, C. N. R. Variáveis fonológicas. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L (org.), **Introdução à Sociolinguística variacionista: o tratamento da variação**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.
- LABOV, W. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. Sociolinguistic. **Working Paper**, 44. Texas, 1978.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Robrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? In: **Language Society**, no 7. Printed in Great Britain, 1978. (p.171-182).

MAIA, J. D. **Português**: volume único. 2. ed. São Paulo: Ática, 2005.

MAIA, J. P. F. **Variação na concordância verbal com nomes coletivos em Fortaleza - CE**. 2011. 111 f. Fortaleza: UFC, Curso de Pós-Graduação em Linguística. Dissertação Mestrado em Linguística, 2011.

MATTOS, S. E. R. **Sujeito coletivo singular em português: concordância e referencialidade**. 2003. 105 f. Brasília: UNB, Programa de Pós-graduação em Linguística. Dissertação Mestrado em Linguística, 2003.

MATTOS, S. E. R.; NASCIMENTO, A. M. A variação de número na forma verbal e na anáfora pronominal com sujeito coletivo. **IV Seminário de Iniciação Científica**, UEG, 2005.

MONGUILHOTI, I. O. e S.; COELHO, I. L. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos. In: VANDRESEN, Paulino (org.). **Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul**. Pelotas: Educat, 2002.

MOLLICA, M.C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (orgs.), **Introdução à Sociolinguística variacionista: o tratamento da variação**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (orgs.), **Introdução à Sociolinguística variacionista: o tratamento da variação**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (orgs.), **Introdução à Sociolinguística variacionista: o tratamento da variação**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

PAREDES da SILVA, V. L. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.), **Introdução à Sociolinguística variacionista: o tratamento da variação**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

PEREIRA, D. C.; RODRIGUES, A. C. S. Algumas observações sobre a concordância verbal na fala de idosos do Projeto Filologia Bandeirante. **Estudos Linguísticos XXXIII**, p.388-393, 2004.

PEREIRA, E. C. **Gramática Histórica**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1924.

RODRIGUES, E. S. Processamento da concordância de número entre sujeito verbo: formulação sintática x derivação sintática na construção de modelos psicolinguísticos. In: **Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN**, p.263-274, 2005.

SANKOFF, D. Sociolinguistics and syntactic variation. In: NIEMEYER, F.J. **Linguistics: the Cambridge survey**. New York: Cambridge University Press, 1988, v.4, p.141-160 (Language: the socio-cultural context).

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X - A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. In: **SCRIPTA**. Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, v.9, n.18, 1. semestre 2006. p.109-131.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre o deslocamento do controle da concordância verbal. In: **Variação na fala e na escrita: estudos comparativos**. Braga M.L. & Paiva, M. da C. de. (orgs.) 2007.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2005.

TERRA, E. **Curso Prático de Gramática**. São Paulo: Scipione, 2002.

TERRA, E.; NICOLA, J. **Português: de olho no mundo do trabalho**. São Paulo: Scipione, 2008.

VOTRE, S.J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L.(org.), **Introdução à Sociolinguística Variacionista: o tratamento da variação**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

WEINER, E. J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passiva. **Jornal of Linguistics** 19:29-58, 1977.

WEIREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. I. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

Submetido em 06/02/2020

Aceito em 19/06/2020